



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT - Arte e região: desafios teórico-práticos antropológicos

LOWANI NIDJIENIGI(FEM.), LOTANI NIDJIENIGI(MASC.), O “MARACÁ” DO CURANDEIRO EJIWAJEGI E O PODER DE SE COMUNICAR COM OS ESPÍRITOS

Benilda Vergílio (UFMS-PG) e Maria Raquel da Cruz Duran (UFMS - PQ) ¹

Resumo: Este trabalho pretende explicar sobre algumas das propriedades de cura realizadas pelos *nidjienigi*, que é como os *Ejiwajegi* denominam seus curandeiros, transmitidas com o auxílio dos seus maracás, chamados de cuias (*lotani*) por este povo. Os Kadiwéu, que se autodenominam *Ejiwajegi*, são um dos oito povos indígenas que habitam o Mato Grosso do Sul, sendo conhecidos nacional e internacionalmente por seu modo de guerrear e de fazer arte. Para este povo, o curandeiro é aquele que evoca os *naimais* (traduzidos como espíritos) que trazem a cura através do nosso curador, o *gonikilagatogodi*. Neste processo, o uso do maracá é fundamental para o livramento de males entre famílias, sendo que tal prática era recorrente em tempos antigos, mas hoje tem sido ameaçada de diversas formas - entre as quais o avanço do cristianismo nas aldeias e a diminuição da existência de curandeiros, que transmitiam para a próxima geração seus conhecimentos e práticas -, embora mantenham-se na memória de muitas pessoas. Para compreender melhor esta temática, acessaremos os conhecimentos primordiais deste grupo a partir da observação participante e do trabalho de campo, especialmente no *Libatadi*, a aldeia Alves de Barros (Terra Indígena Kadiwéu, Porto Murtinho/MS), objetivando estabelecer interpretações destes relatos com base nas antropologias da religião e da arte. Como resultado, esperamos compreender melhor e valorizar estes saberes.

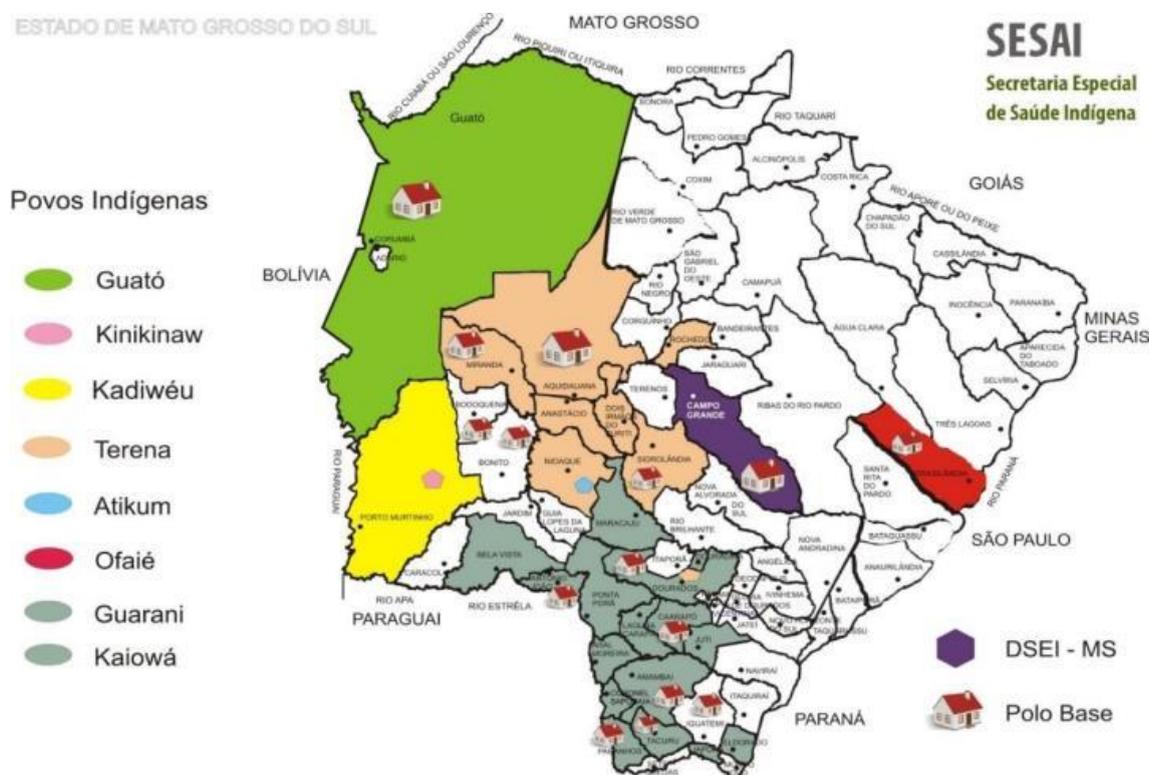
Palavras-Chaves: Ejiwajegi/Kadiwéu. Maracá/Lotani. Antropologia da religião.

INTRODUÇÃO

No Brasil, estima-se a população indígena em 1,7 milhão pessoas, distribuídas em 305 etnias, falantes de 274 línguas (IBGE, 2023). O estado de Mato Grosso do Sul (MS) é um estado rico em diversidade cultural, sendo considerado como contendo a terceira maior população indígena do país, segundo os dados do último Censo (IBGE, 2023). Assim sendo, existem 116.346 indígenas no MS, divididos em 8 etnias distintas – *Atikun*, *Guató*, *Guarani/Kaiowá*, *Kadiwéu* (autodenominados *Ejiwajegi*), *Kamba*, *Terena* e *Ofayé* –, todas elas com seus costumes, línguas maternas, comidas típicas, rituais, mitos, crenças, danças e cantorias.

¹ Benilda Vergílio é indígena ejiwajegi/kadiwéu; graduada em Design pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB, 2011) e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGAS-UFMS). Maria Raquel da Cruz Duran é doutora em Antropologia social pela Universidade de São Paulo (PPGAS-USP, 2017) e Docente na Faculdade de Ciências Humanas (FACH) e no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), ambos pertencentes à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mails de contato: benilda.kadiweu@gmail.com e raquel.duran@ufms.br

Figura 01: Mapa das populações indígenas no Mato Grosso do Sul



Fonte: Plano de contingência COVID-19 (DSEI-MS, 2020, p. 10)².

Segundo os dados do Distrito Sanitário Especial Indígena (DISEI/MS, 2019) a população *Ejiwajegi* é composta por 1.291 indivíduos, dispostos em seis aldeias. Três delas têm seu acesso via cidade de Bodoquena-MS: aldeia Alves de Barros (609 habitantes), aldeia Campina (122 habitantes) e aldeia Córrego do ouro (18 habitantes). As outras três, podem ser visitadas por meio do município de Bonito-MS: aldeia São João (227 habitantes), aldeia Tomázia (201 habitantes) e aldeia Barro Preto (54 habitantes). As seis aldeias são pertencentes ao município de Porto Murtinho-MS, sendo que a aldeia Campina está em processo judicial para ser vinculada ao município de Bodoquena-MS.

A Terra Indígena Kadiwéu (TIK) possui 539 mil hectares, homologados no Decreto 89.578, de 25 de abril de 1984³, cujo reconhecimento inicial teria sido dado pelo imperador

² Disponível em: <<https://abrir.link/q92Sg>>. Acesso em 3 de novembro de 2022.

³ Informações disponíveis em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3712>>. Acesso em 3 de novembro de 2022.

Dom Pedro II, como forma de agradecimento aos *Ejiwajegi*, na época denominados *Guaicuru*, pela sua importante participação da Guerra do Paraguai (1864-1870). Apesar desse território homologado, encontra-se ainda em disputa judicial, há mais de 33 anos, a junção de mais 150 mil hectares de terra à TIK.

A aldeia *Nalagate libatadi*, traduzida como Pé da Serra, mais conhecida pelos *ecalaye* (não-indígenas) como aldeia Alves de Barros, é considerada a sede ou a capital da nação *Ejiwajegi* (Kadiwéu), tendo em vista o maior número populacional que nela habita. Isto posto, é a comunidade que mais se preocupa em realizar as festividades tradicionais indígenas específicas deste grupo, sendo que é possível assistir a rituais como a festa da menina moça, a retirada do luto, o batismo de criança no primeiro dia de dança, o ritual da distribuição de carne nos dias de festividade, entre outras atividades.

As linhas que se seguem surgem de conversas obtidas por Benilda, através do uso da tecnologia digital, o *smartfone*, com Bento Vergílio (seu pai), que atualmente reside na aldeia supracitada, assim como lembranças de conversas com sua minha falecida avó, Joana da Silva. Realizamos também algumas ponderações mais gerais sobre a temática, a partir de leituras antropológicas sobre o tema da relação entre o xamanismo e a arte.

Este artigo transitará entre a primeira e a terceira pessoas, visto que utilizaremos a primeira para nos referir ao conhecimento produzido por Benilda, individualmente ou em conversas com seus interlocutores, ou por Maria Raquel, individualmente - sendo que o contexto indicará de qual das duas se trata; assim como faremos uso da terceira pessoa, para nos comunicar a partir de um conhecimento compartilhado entre as autoras, Benilda e Maria Raquel, muito inspiradas na leitura de Kopenawa e Albert (2015) - ainda que muito distantes de realizar algo do tipo.

O *Nijienigi* do passado

Como percebeu o antropólogo Francesco Romizi:

O forasteiro que tivesse se entranhado no território kadiwéu, antes que as sementes cristãs – postas na segunda metade do século XX por missionários alemães, ingleses e, finalmente, indígenas – germinassem e criassem raízes, ter-se-ia deparado com um universo espiritual extremamente rico e complexo, nunca desligado do mundo material e de uma relação objetivante com seu diversos atores (ROMIZI, 2021, p. 193).

Para os *Ejiwajegi* (Kadiwéu), o *nidjienigi* - como escreveu Ribeiro (2019) - ou melhor, *nijienigi* (curador), como aprendi a escrever, tinha seu poder descoberto através de

observação, sendo que suas principais características, que demonstravam seus talentos iniciais seriam de curar as pessoas e de serem bons conselheiros. O *curandor*, como chamo, tinha tanto o poder de descobrir uma maldade quanto de praticá-la, sendo sua atividade considerada um trabalho, *libaakedi*(linguagem feminina)/*libakedi*(linguagem masculina).

As práticas de rituais de cura geralmente eram exercidas em lugares que ficavam no meio da natureza, mas não tinha um lugar fixo. Porém, geralmente esses trabalhos - *nibaaketedi(fem.)/nibaketedi(masc.)* - aconteciam no período noturno. Geralmente quem buscava apoio do *nijienigi* eram famílias que iam em grupo até o lugar onde ele se encontrava, a procura por cura espiritual e/ou conselhos, sendo que a família acampava no lugar marcado. Enquanto o *nijienigi* evocava o espíritos da natureza a família dormia, e no outro dia esperavam uma mensagem do *curandor*.

Sua principal atividade, enquanto pessoa que exercia este trabalho, consistia em evocar os bichos, especialmente aqueles mais corajosos como a onça, para resolverem o problema colocado pelo requerente. Todavia, o *nijienigi* tinha um auxiliar, o seu *lowani(fem.)/lotani(masc.)*, que pode ser traduzido como chocalho, cuia, maracá. Através do *lowani/lotani* o *nidjienigi* ganhava força para se comunicar com o sobrenatural, os chamados “bichos”. A maioria dos *nijienaga* (curandeiros) eram homens, sendo raro mulheres *nijienaga* (curandeiras), o *lowani/lotani* do *nijienigi* era decorado com algumas penas de ema na ponta.

Além dessas práticas ritualísticas, consideradas específicas para o alcance da cura espiritual realizada por intermédio do xamã, havia também o tratamento de enfermidades por meio do uso de raízes. Os rituais do *nijienigi/nijiena* e festividades sempre foram praticados pelos *Ejiwajegi* como uma herança deixada pelos ancestrais ao povo Kadiwéu e perpetuado pelos anciãos.

Isto posto, percebi nos depoimentos coletados e memórias acessadas que o *nijienigi* era escolhido pela aldeia. No momento atual, não se encontram mais *nijienaga* como no passado, mesmo que ainda existam pessoas com o dom de interpretar sonhos e serem boas conselheiras. Um dos motivos para tal diminuição dessa atividade pode ser explicada com a chegada da colonização, em que aconteceu uma certa intimidação de algumas pessoas que assumiam tal legado, principalmente por parte dos missionários catequizadores, por exemplo. Hoje, estas pessoas estão em diferentes funções que não são mais as tradicionais. É assombrosa a rápida transformação interna que ocorre na comunidade neste aspecto em particular: cada vez mais o risco de perdermos este traço cultural tão importante é evidente, se não houver

engajamento dos que guiam a organização da comunidade e dos praticantes para sua retomada, ele poderá tornar-se apenas uma memória longínqua.

Nas festividades culturais são lembradas as disputas territoriais que aconteceram no passado, como por exemplo a luta pela sobrevivência, para que os indígenas não fossem exterminados pelos colonizadores. Nós temos lembrado desses tempos sombrios em encenações nas festas, atualmente. Nas festividades são lembradas as guerras com diversos inimigos, especialmente os não-humanos, através de apresentação de danças, como é o caso da *nodajo* (faca): uma dança em dupla, em que de forma ritualística ambos os dançarinos se defendem para não serem atingidos por espadas invisíveis, algo que requer leveza e rapidez de movimentos, nessa defesa. Nessas festividades contemporâneas ainda que eles sejam indiretamente citados - como no caso da dança *nodajo*, os *nijienaga* não são lembrados, sendo sua lembrança um tabu em rodas de conversa.

Quando alguém é questionado se lembra de algo sobre os *nijienaga*, geralmente essa pessoa cita algo, como por exemplo a perseguição e morte que ocorreu contra um *nijienigi*, conhecido como *nijinigawanigi* (pequeno curador). Isso porque os xamãs poderiam ser além de curandeiros também feiticeiros, como disse anteriormente, produzindo muita maldade - *aakidağa* (fem.) *akidaga/ maldade* (masc.) - e tirando a vida de muitas pessoas, em suas atividades. Neste caso lembrado sempre, um grupo de homens se juntou para tirar a vida desse feiticeiro: em uma estrada encontraram *nijienigawanigi* sozinho; mesmo com o corpo todo perfurado ele não morreu na mesma hora, foi preciso ter muitas munições para tirar a vida dele, dizem que foi uma força tarefa.

Os rituais denominadas como *Godakatağa* (nosso jeito de ser), são de suma importância para convocar e envolver um poder sobrenatural que transpira a força e proteção através dos grafismos presenteados por *Aneotedogoji* (aquele que nos criou). Sua importância na organização interna e de luta, protegendo as pessoas que se pintam, dando a melhor estratégia a elas, para não sejam derrotadas pelos inimigos que aterrorizam a cultura e o território kadiwéu, são nosso maior vínculo com a ancestralidade.

Neste íterim, quando uma criança não conseguia dormir, a mãe levava-a até uma benzedeira, que usava velas em vez da cuia, *lowani/lotani*, como auxiliar. Após a consulta, quando retornavam para a casa, era usada uma técnica ancestral com o auxílio de um carvão: era feito um ponto na testa da criança kadiwéu para espantar os maus espíritos. Isso porque acreditava-se que quando uma criança estava enferma era por que o espírito dela havia saído do corpo, e só quem poderia trazê-la de volta era o curandeiro, por meio da cura espiritual.

Neste artigo, objetivamos apresentar e observar a participação do *nijienigi* no passado do povo *Ejiwajegi*, para que essa memória não seja esquecida, para que haja uma reanimação cultural sobre essa temática e uma proteção dessa memória tão importante. Isto posto, nos questionamos: Qual a representação do *nijienigi* do passado para a comunidade indígena? Como é visto na atualidade esse passado? Como podemos observar essa mudança? Como percebemos atualmente a importância da figura do *nijienigi*? Como ocorria a escolha do *nijienigi*? E por último, qual é a importância do *nijienigi* no âmbito cultural interno e externo do povo *Ejiwajegi*? Ao longo do artigo, tentaremos responder algumas dessas questões, ou ainda, abrir caminhos de possíveis interpretações sobre elas.

As funções do Nijienigi

A escolha do *nijienigi* no passado não era de pai para filho, a comunidade observava o comportamento dessa pessoa. As qualidades seria ter o dom de cura, além de fazer feitiço *akidağa* (maldade), essa descoberta de quem poderia ser *nijienigi* acontecia de forma natural. Com essas qualidades, a comunidade ia em grupos de famílias em busca da cura no lugar marcado pelo *nijienigi*, e quando essas sessões de cura e contato com os bichos aconteciam eram visíveis, assim o *nijienigi* ia ganhando mais credibilidade com a comunidade. A palavra *nijienigi* tem vários adjetivos como, aquele que tem o dom de cura, aquele que chama os animais, aquele que é mensageiro, contato com o seres sobrenaturais (VERGÍLIO, Bento, Aldeia Alves de Barros, 2023).

Conforme interlocução explicitada acima, as principais funções do *nijienigi* era curar espiritualmente as pessoas da comunidade, era um bom conselheiro, cuidava das famílias que sentiam necessidade do apoio para se livrar de alguma maldade, mas também incluímos aqui o trabalho de realizar maldade com alguém, para vingar alguma família. Tudo que ele fazia era considerado pela comunidade como um *nibaakedi* (fem.) / *nibaakedi* (masc.) trabalho.

Quando criança me lembro de escutar a frase: *Ina noko dibaa nijienigi* (fem.) / *ina noko diba nijienigi* (masc.), que pode ser traduzida como “hoje o *nijienigi* vai trabalhar”. Mas quando pergunto sobre a presença de *nijienaga* na aldeia, ninguém afirma a sua existência.

Os *nijienaga* (plural de curandeiros) são indispensáveis para a população *ejiwajegi*, essa pessoa selecionada mantém uma relação suficientemente próxima com a cultura e com seu auxiliar *lowani/lotani*: eles são intérpretes, tradutores e informantes de mensagens sobrenaturais com relação ao mundo espiritual. O *nijienigi* tinha o poder sobre sua comunidade e era visto com medo e respeito. No agir e no falar ele geralmente não ordena, mas sim tem o poder de fala e convencimento, de fazer recomendações e aconselhamentos para aqueles que estão buscando a cura.

Minha avó, certa vez, me contou uma experiência que ela teve em relação ao modo como os *nijienigi* se comportava:

*Jakapetege liwigotigi naagi, dinikogolatede. metediwa elé gokigi, oda iwii iginagi, neça eledi noko jeemite igonagi me diwiti. idoxi, eyomaga jaote iwetatidi oda japoke ewalalitenigi liyonaga domaça onolenagadi igonagi, aakidaça / Encontrei ele na estrada, ele estava à cavalo. Me olhou e me disse boa tarde sem usar a palavra senhora, me olhou estranho, e olhou na direção dos meus pés, me enfeitiçou. No outro dia senti uma coceira nos pés, eram filhotes de aranha alojados no meu pé direito, fui até a mata e busquei raízes, com ajuda de *Aneotedogoji* (Deus) me curei, eu tirei as aranhas do meu pé (SILVA, Joana, Aldeia Alves de Barros, 2012).*

8

Como vimos, o ato de olhar para uma parte do seu corpo seria suficiente para lançar algo em alguém. Eles sabem ensinar, não temem a morte, são guerreiros de enfrentamento, resolvem os problemas e têm o dom de pacificar guerras, mas também de causar a morte. Alguns antropólogos afirmaram sobre o fato dos *nijienigi* terem poder de cura pela credibilidade comum da população, que lhe daria legitimidade. O próprio Darcy Ribeiro (2019) cita o caso de um *nidjienigi* muito apreciado entre os Kadiwéu.

CONCLUSÃO

Em resumo, entendemos que tanto o xamanismo quanto a arte kadiwéu são testemunhos vivos da interação entre tradição e mudança, por exemplo pela presença do *lowani/lotani* mais como um objeto artístico e/ou decorativo do que como um objeto sagrado. Por outro lado, são testemunhas dos processos de cura, de enfeitiçamento, dos poderes dos bichos e daqueles que tem o dom de se comunicar com eles em benefício/malefício de outrem.

Assim se constrói a rica cultura dos Kadiwéu, como a de outros povos em geral: ao mesmo tempo em que se incorpora influências contemporâneas e responde aos desafios do mundo moderno, tenta manter sua tradição, seus ensinamentos e práticas ancestrais. Essa dinâmica entre tradição e mudança na arte e espiritualidade é uma expressão da identidade étnica e de sua resiliência como povo indígena, após mais de 500 anos de contato com os não-indígenas.

Nesse sentido, esperamos ter contribuído para a continuidade deste saber, a partir da colocação deles no papel, como também para o seu fortalecimento nas aldeias e produção de materiais didáticos que informem sobre essa temática às futuras gerações, posto que as práticas

culturais dos *Ejiwajegi*, entre as quais as pinturas e o xamanismo, carregam uma história, compõem sua ancestralidade.

REFERÊNCIAS

ROMIZI, Francesco. **Condomínio Kadiwéu**. Mapa mitológico de uma sociocosmologia ameríndia. In: LINI, Priscila; PASSAMANI, Guilherme (Org.). *Antropologia, fronteiras e diferenças*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 193-212.

RIBEIRO, Darcy. **Kadiwéu: Ensaio etnológico sobre o saber, o azar e a beleza**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2019.

VERGÍLIO, Bento. **Bento Vergílio: depoimento** [nov. 2023]. Entrevistadora Benilda Vergílio. Campo Grande / MS, 2023. Ligação telefônica.

SILVA, Joana. **Joana da Silva: depoimento** [jul. 2012]. Entrevistadora Benilda Vergílio. Porto Murtinho / MS, 2012. Transmissão oral.

* * * * *